



O PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA - PARFOR - NA PERCEPÇÃO DE DISCENTES, DOCENTES E COORDENADORES

Maria da Cruz Santos Guimarães
(UFPI/CSHNB, Graduanda em Pedagogia –
marycguimaraes20@hotmail.com)

Ana Carmita Bezerra de Souza
(UFPI/CSHNB, professora Adjunta II do curso de Pedagogia –
acarmitabs@gmail.com)

1. Introdução

Este artigo é resultado preliminar de uma pesquisa realizada na Universidade Federal do Piauí, Campus de Picos-PI, sobre o PARFOR. Neste recorte tem-se como objetivo refletir sobre as opiniões dos discentes, docentes e coordenadores participantes do programa, trazendo à tona as possibilidades e os limites dessa política em uma avaliação, que mesmo ainda inicial, é marcada pelas falas de dentro, dos sujeitos participantes de tal política.

A investigação se classifica como qualitativa, que, de acordo com Neves (1996) “compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados”. Para a coleta de informações utilizamos questionários aplicados com 40 estudantes e com três professores dos variados cursos do PARFOR. Além disso, realizamos também uma entrevista com dois coordenadores. Estes sujeitos foram questionados, entre outros aspectos, sobre suas críticas e elogios ao programa que participam.

2 O Parfor e sua funcionalidade cotidiana

O PARFOR é uma política de formação de professores implantada no ano de 2009 pela Capes em parceria com as universidades e secretarias de educação estaduais e municipais. Para ingressar em cursos desse programa, os interessados devem ser docentes da educação básica. Esse critério de ingresso está em consonância com os objetivos do programa, que é qualificar os docentes atuantes, seja lhes proporcionando uma formação superior, uma segunda licenciatura, ou mesmo uma graduação para atuar na docência. Dessa forma o PARFOR oferece:



III - oferta emergencial de cursos de licenciaturas e de cursos ou programas especiais dirigidos aos docentes em exercício há pelo menos três anos na rede pública de educação básica, que sejam: a) graduados não licenciados; b) licenciados em área diversa da atuação docente; e c) de nível médio, na modalidade Normal; (BRASIL, 2009, p. 5/6)

As inscrições para o ingresso são realizadas através da secretaria de educação da rede de ensino que o interessado atua. De acordo com os relatos dos coordenadores do PARFOR entrevistados, não há concorrência pelos cursos. Bastando, para tanto, o professor estar de acordo com os critérios de seleção já elencados.

Na busca por atender professores da educação básica, o PARFOR funciona se adequando ao trabalho destes. Ou seja, as aulas ocorrem no período de férias do docente, e quando este tempo não é suficiente para o total da carga horária, se estendem aos sábados do período letivo.

O espaço das aulas é predominantemente as salas das universidades parceiras. No caso aqui em questão a UFPI no campus de Picos. Mas quando aquelas salas estão ocupadas com o período regular do calendário da UFPI, é comum as aulas do PARFOR ocorrerem em escolas estaduais e municipais da cidade.

Essa sistemática de funcionamento é motivo das críticas mais frequentes por parte dos docentes e discentes. Enquanto aqueles apontam que o tempo para desenvolver a disciplina é pouco - “As disciplinas possuem ementas longas e tempo de execução não suficiente para uma abordagem satisfatória”(DOCENTE); - estes (os alunos), reclamam da correria: “Um curso muito corrido, o que nos acarreta muito, muitos trabalhos e conteúdos em pouco tempo” (DISCENTE). “O horário puxado, 8hs por dia(DISCENTE).

Outra questão marcante levantada tanto pelos coordenadores entrevistados como pelos discentes é o espaço em que o PARFOR é desenvolvido. Foram falas permeadas de acusações e mesmo desabafos sobre a falta de salas para as aulas; constrangimentos sofridos devido ao espaço que é utilizado preferencialmente pelos cursos oferecidos na UFPI, no período do regular. Perguntados se sentem acolhidos



no espaço da UFPI, os discentes afirmam em sua maioria que não: “Muitas vezes não, no início a gente sofreu discriminação; Não temos salas específicas para funcionamento do PARFOR” (DISCENTE). “Fica sempre mudando sem ter espaço específico (DISCENTE); “Não. Pois às vezes a gente não tem os mesmos direitos que os alunos do período regular” (DISCENTE).

Os alunos do PARFOR se utilizam do espaço da universidade. O que é muito positivo, pois podem acessar a biblioteca, ter salas de aula, frequentar o Restaurante Universitário, etc. Entretanto, quando é no período de férias dos cursos do regular esta sistemática funciona, mas o que se vê nesse momento é uma dificuldade de conciliação, já que a greve dos professores universitários das IFES que houve entre maio e setembro de 2012 alterou significativamente o calendário universitário. O coordenador B desabafa sobre essa dificuldade:

Procurar uma sala pro teu professor daqui do período regular porque ele precisa daquela sala. Então a gente vai procurando encontrar espaço pra eles assim de tal forma que coloque ele num local. Se o outro professor não concorda que coloquemos aquele professor ali, então ele fica pulando de uma sala pra outra. Aí eles ficam um pouco chateados na verdade em virtude ao período das greves, a gente está um pouco assim sem espaço.

Há um investimento completo na formação dos professores, em material pedagógico, professores, mas o programa deixa a desejar no fornecimento de salas próprias para o aluno do PARFOR. Como é perceptível na fala do coordenador acima.

Outra questão que chama a nossa atenção é o fato de 12 entre os 40 alunos do PARFOR informantes da pesquisa se omitiram em dar suas opiniões quando questionados sobre as principais críticas ao programa. Essa atitude pode ser explicada por duas hipóteses. Na primeira, podemos ter como hipótese que o grupo estava receoso em criticar a oportunidade de estar na universidade se qualificando. O que se fortalece ainda mais quando pensamos na proximidade que a aquisição de uma vaga na universidade pode ter com o poder local (Secretarias Municipais de Educação, prefeitura, Câmara de vereadores), que normalmente punem críticas com perseguições. Outra hipótese pode se relacionar simplesmente ao fato de não perceberem nada de falho na aplicação da política, principalmente quando, três colocam em suas respostas algo como “Não tenho nenhuma”, “Nenhuma”, “Não



tenho críticas”. Para uma maior aproximação sobre tais hipóteses, é necessário maiores aprofundamentos da pesquisa, em outro momento de seu desenvolvimento.

3 PARFOR: principais elogios ao programa

O PARFOR é uma oportunidade de formação reconhecida pelos discentes, coordenadores e professores. Apesar dos problemas discutidos acima, há muitos elogios a essa política o que nos faz olhar para as críticas no sentido de procurar ações para o aperfeiçoamento. 32,5% dos discentes expressaram satisfação pela iniciativa do governo:

Como programa veio atender as lacunas deixadas pela falta de oportunidades anteriores (discente); O PARFOR é uma entidade de respeito e de seriedade, professores competentes e/ materiais excelentes(discente); O PARFOR é uma entidade educativa muito responsável, por isso motivo merece o reconhecimento de todos (discente); É um programa maravilhoso, pois oferece aos professores, oportunidades que qualificação profissional e capacitam na área específica em que atua (discente).

Outro elogio que o corpo discente fez em grande quantidade, foi quanto ao corpo docente (27.5%) e aos profissionais como um todo (12.5%)

Os professores são muito amigos humildes e acima de tudo compreensivos colaboradores para que possamos adquirir conhecimentos; Temos bons professores, comprometidos em repassar bem os conteúdos.

É formado por uma equipe muito responsável e competente; A equipe de coordenadores e professores é ótima.

Perguntados se consideram o PARFOR como um bom investimento na formação docente, todos os professores entrevistados afirmaram que sim, mencionando, no entanto, alguns empecilhos:

Docente A-É uma importante iniciativa. Tem sua base conceitual positiva, no entanto, a aplicabilidade se torna frágil, principalmente pelo fator tempo. Docente B-Sim. Apesar desses problemas citados acima, acho que o investimento é muito bom. Pois existem entre esses alunos alguns que se destacam. Docente C- Sim. Porém o professor deveria ter liberdade de avaliação.

Na visão dos coordenadores, o PARFOR precisa melhorar em alguns pontos, mas reconhecem que também é uma boa iniciativa, para “graduar, qualificar o profissional da educação” (coordenador B) e quanto aos resultados perceptíveis:

Eu percebo que o PARFOR atingiu muitos objetivos. Eu, por exemplo, acompanhando resultados de estágios supervisionados e até as próprias narrativas de alunos, alguns já dizem “olhem, têm mudado minhas práticas pedagógicas, tem mudado a forma de ver o ambiente educativo, que tem



melhorado a visão. (...) Recentemente eu participei da defesa do curso de letras inglês, os artigos, para conclusão de curso, e os testemunhos deles no final das defesas, eram extremamente interessantes, eles eram alunos de um curso de segunda licenciatura e eles disseram como foi gratificante estar dentro da universidade federal novamente, como foi interessante visitar novos conteúdos, visitar novos conceitos; como foi importante estar participando. Alguns disseram que estavam se sentindo mais vitalizados para enfrentar novamente; (...) tipo teve gente que já estava com mais de quinze anos na sala de aula e aí de repente estar dentro do ambiente acadêmico foi um novo balizador de experiências pra eles (COORDENADORA A).

4 Conclusão: possibilidades e limites do PARFOR

O PARFOR é um espaço de formação docente que possibilita uma atuação profissional mais adequada ao contexto atual. Na visão dos discentes, docentes e coordenadores é sim uma boa iniciativa de qualificação docente. O que se apresentou como empecilho de uma formação de qualidade, foi o tempo que é bastante corrido, tanto para os professores desenvolverem as disciplinas, quanto para os alunos no processo de assimilação do que é proposto para sua aprendizagem e, também, as dificuldades de divisão do espaço com os alunos do período regular.

Desse modo, o PARFOR precisa ser alimentado quanto aos objetivos a que veio que é proporcionar ao docente da educação básica, a sua qualificação profissional, mas para tanto, precisava ser revisto, proporcionando uma rotina de estudo e um espaço condizente com uma formação de qualidade, pois o docente merece esse tempo-espaço para reflexão de sua prática, para que não se torne uma formação atropelada, cansativa, e vista como algo sem importância por este profissional que cumpre um papel muito importante na sociedade.

5 Referências

BRASIL. Decreto Nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009. **Institui a Política Nacional de Formação de Profissionais de Educação da Educação Básica.** Presidência da República. Disponível <<https://www.google.com.br/#fp=c707e98e7db2764b&q=decreto+pol%C3%ADtica+de+forma%C3%A7%C3%A3o+de+professores+>> acessado: 25 de Agosto de 2013.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades.** Caderno de pesquisas em administração, São Paulo, v. 1, nº 3, 2º SEM./1996. Disponível em: <http://www.dcoms.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_qualitativa_caracteristicas_usos_e_possibilidades.pdf> Acessado em: 08 de jul. 2014.